



## **OLHARES PARA HOMOSSEXUALIDADES NA ADOLESCÊNCIA E NA VELHICE: UMA ETNOGRAFIA DAS RELAÇÕES GERACIONAIS ENTRE HOMENS NA CENA GLS DA CIDADE DE SÃO PAULO**

Carlos Eduardo Henning<sup>1</sup>

O interesse desse trabalho é iniciar reflexões acerca de algumas questões que envolvem o embasamento teórico de meu projeto de pesquisa para o doutorado, basicamente o debate sobre as formas culturais nas sociedades ocidentais contemporâneas de compreensão, reformulação e periodização do curso da vida. Tal enfoque se dá de forma a auxiliar a constituir um *background* para o desenvolvimento de meu tema: as interpretações e as “formas de fazer” acerca da conexão das idéias de “adolescência” e “velhice” à de “homossexualidade” a partir de uma etnografia em alguns contextos de sociabilidades homoeróticas da cidade de São Paulo<sup>2</sup>. Para tanto, procuro dialogar com parte dos estudos que se interessam em articular tais categorias, iniciando, assim, uma breve revisão bibliográfica e, por fim, apresentar minhas questões e objetivos iniciais de pesquisa.

Trabalhar com compreensões culturais sobre o curso da vida, trazendo para o debate periodizações, categorias e grupos de idade, nos faz considerar e analisar várias noções sociais como: *vida, morte, tempo, idade, juventude, velhice, corpo*, entre várias outras. Poderíamos observá-las como categorias em suspensão, ou seja, seus significados não estão dados de antemão, não estão necessariamente inscritos em um âmbito biológico, cronológico ou “natural” que lhes dê um sentido transcultural ou atemporal. Mais produtivo para a interpretação dessas categorias seria considerar seus significados como inseridos em processos sociais e políticos específicos relativos a contextos culturais e históricos delimitados<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Antropologia Social na Unicamp (orientado pela Profa. Dra. Guita G. Debert). Mestre em Antropologia Social pela UFSC (orientado pela Profa. Dra. Sonia W. Maluf). E-mail: [otipodoguri@gmail.com](mailto:otipodoguri@gmail.com).

<sup>2</sup> Opto por trabalhar, em termos gerais, com a categoria “homoerotismo”, embasado em Jurandir Freire Costa (1992), por considerá-la mais ampla para abarcar as múltiplas manifestações e facetas das relações e práticas eróticas, afetivas e sexuais entre pessoas “do mesmo sexo” sem correr tantos riscos de essencialismos. Entretanto em alguns momentos usarei também “homossexualidade”. É importante ressaltar que segundo Laqueur (2001) e Butler (2003) a própria noção de “sexo” é histórica e socialmente construída.

<sup>3</sup> Abordando as noções de “vida” e “morte”, Kaufman e Morgan (2005: 320) demonstram, a partir de um levantamento de pesquisas etnográficas concernentes aos temas, que o início e o fim da vida são (ao contrário do que se tende a conceber) conceitos locais e contingentes, cujos significados não são nem estáveis, nem auto-evidentes. Levando em consideração contextos culturais ocidentais e extra-ocidentais, “vida” e “morte” seriam noções altamente atribuídas, contestadas e atuadas em termos sociais, tendo grande variação histórica e cultural. Já E. R. Leach (2001) apresenta a variação histórica e social da noção de “tempo”, questionando a assertiva de que haveria para ela um sentido universal. Sua empreitada envolve negar a existência empírica daquilo que compreendemos como “passagem do tempo” e situá-la no campo da variação social. As compreensões ocidentais (ele, na verdade, é mais específico, as situa apenas no contexto inglês) sobre o tempo estariam envolvidas em duas noções imbricadas: a) repetição (pulsação do coração,



As categorias que indicam e embasam as formas ocidentais de compreensão e criação de momentos distintos no curso da vida: “idade”, “infância”, “adolescência”, “juventude”, “vida adulta”, “meia-idade”, “terceira idade”, “velhice”, etc. segundo diversos autores, também se mostram como categorias com sentidos altamente móveis, e algumas como sendo construções bastante recentes. Phillipe Ariès (1978: 30-31), por exemplo, afirma que a noção de “idade” no Ocidente deve ter se afirmado como relevante a partir dos reformadores religiosos e civis, ou seja, por volta do século XVI. Estes teriam imposto a preocupação cronológica como necessária em documentos a partir das camadas mais instruídas - frequentadoras de colégios - da sociedade.

Também segundo Ariès (1978), durante a Idade Média não havia um “sentimento de infância” como o temos na era moderna. A idéia de infância era reduzida ao seu período mais frágil da criancinha pequena quando esta ainda não se bastava sozinha. Desse momento ela já passava a homem jovem sem que existissem etapas intermediárias no curso da vida (adolescência, juventude...). A partir do fim do século XVII ocorreria paulatinamente uma mudança, com o processo de escolarização, em que se criaria uma diferenciação e separação da criança (agora com singularidade e uma categoria a definir individualidades) do mundo adulto. O autor afirma também que a noção de “adolescência” era confundida com a de infância até o século XVIII e que até então não havia lugar singular para ela nas formas de compreensão do curso da vida. A expansão da idéia de adolescência na França, por sua vez, se daria apenas em torno dos anos 1900 e faria do século XX, “o século da adolescência” (Ariès, 1978:45-46)<sup>4</sup>.

Abordando outra categoria do curso da vida: a “velhice”, Guita Grin Debert (1999) afirma que tal categoria começa a ser tratada, a partir da segunda metade do século XIX, como momento marcado por representações de decadência física e ausência de papéis sociais. O envelhecimento é visto, então, como processo inexorável de perdas e de aumento da dependência. Entretanto esta

---

recorrência de dias, noites, luas, estações, etc.); b) não-repetição (vinculada a uma compreensão de finitude da existência das coisas. No caso das coisas vivas, essas nasceriam, cresceriam e em determinado momento desapareceriam). A partir dessas duas noções todos os outros aspectos de nossa compreensão sobre o tempo (duração, seqüência histórica, as metáforas geométricas de “linha reta do passado ao futuro” e de tempo circular ou cíclico) seriam derivados e não teriam quaisquer sentidos objetivos em termos empíricos.

<sup>4</sup> Para demonstrar que não foi apenas a “infância”, a “adolescência” e a “juventude” que tiveram variações ou são constructos recentes na história ocidental, Norbert Elias (1994) afirma que o controle das emoções como marca da “vida adulta” foi central na conformação do processo civilizador. Tal controle não estava presente na Idade Média, onde as expressões emocionais dos “adultos” eram muito mais soltas e próximas do que tendemos a conceber atualmente como características da instabilidade emocional da infância. Portanto, antes desse processo que culminou na concepção moderna do “adulto”, essa categoria não era balizada por uma concepção que a vinculava àquela pessoa emocional e intelectualmente madura, demonstrando capacidade de agir, pensar e realizar algo de forma “racional”, “equilibrada” ou “sensata”.



perspectiva estereotipada, segundo a autora, tem sido mudada nas últimas décadas em prol da revisão de tais estigmas ao se pôr em evidência olhares mais positivos para a experiência<sup>5</sup>.

A tensão instaurada por tais concepções negativas e positivas tende a estar presente pendularmente nas representações sociais (de forma mais ampla) envolvendo envelhecimento e velhice, assim como nas análises sociais de vários campos de conhecimento envolvidos na temática (ciências sociais, gerontologia social e ciências humanas em geral, etc.).

O contexto contemporâneo seria pródigo na criação de novas categorias que intermediariam as já estabelecidas, como, por exemplo, a “pré-adolescência”, experiência marcada por um curto período de anos entre a infância e a adolescência, e a “meia-idade”, categoria intermediária entre a o *status* de adulto e a velhice.<sup>6</sup>

A assunção da “meia-idade” parece ser um bom exemplo para abordar o processo na atualidade de transformação da juventude em um ideal a ser seguido independentemente da quantidade de anos acumulados. Deixa-se assim, de se vincular “juventude” a um grupo etário específico, ela passa a ser um valor almejado em qualquer idade, um referencial central de estilo de vida no contemporâneo (Debert, 1999).

Intimamente conectada a essa nova experiência de ideal de “juventude como estilo de vida”, Debert (1999) afirma, analisando as formas de reinvenção da velhice, que nas últimas décadas se estabelece um duplo movimento que acompanha a transformação da velhice em preocupação social. Se por um lado há uma “socialização progressiva” da velhice fazendo que sua gestão privilegiada saia do âmbito privado e familiar e se transporte a uma arena pública de debates, preocupações e práticas, por outro lado ocorre com bastante expressividade um processo de “reprivatização da velhice”, em que o cuidado de si, assim como a gestão da velhice e do envelhecimento se transformam em responsabilidades centralmente individuais. Debert chama atenção para o perigo, frente à combinação da idéia corrente de reprivatização da velhice com a exacerbação da visibilidade de modelos de velhice bem sucedida (independência, saúde plena, domínio das funções psíquicas e corporais, etc.), de se culpabilizar individualmente os velhos que não são ativos, que não se envolvem em programas de rejuvenescimento, ou que vivem a velhice isolados ou doentes, não seguindo determinadas práticas atualmente prescritas como adequadas durante o transcorrer dos anos. Essa responsabilização individual tende a promover uma recusa à solidariedade entre

---

<sup>5</sup> E embora no período anterior ocorresse a produção de imagens bastante negativas sobre a velhice, foi paradoxalmente através do uso político dessas imagens negativas que se conseguiu angariar importantes conquistas e direitos sociais como aposentadoria e seguridade social em termos mais amplos durante o século XX.

<sup>6</sup> Acerca da “meia-idade” e das categorias tipicamente brasileiras “idade da loba / do lobo”, consultar a dissertação de Talita Castro (2009).



gerações, assim como a ignorar o âmbito das formas sociais estruturais com as quais os indivíduos se deparam no decorrer do curso da vida. Por fim, corre-se o sério risco de se apagar ou minimizar a relevância de experiências de modelos de velhice e envelhecimento divergentes do “bem sucedido”.

Trata-se também de um interessante e importante debate que recorta o campo da gerontologia social e que envolve as formas de representação e análise das distintas experiências de envelhecimento. Lawrence Cohen (1998), por exemplo, ao criticar a forma como a gerontologia baseada em termos e experiências ocidentais se institucionalizou na Índia, procura frisar a necessidade de se atentar para as múltiplas formas de vivências do envelhecimento e da velhice, ou seja, uma atenção para a heterogeneidade em detrimento de supostos universais vivenciais. O autor chama atenção para o sujeito eleito como ideal (e estabelecido em termos abstratos) pela política gerontológica internacional: o “cidadão idoso”, que seria o “aposentado do sexo masculino” (Cohen, 1998: 111). Dessa forma a tendência seria a de se excluir da análise e da atenção social (por exemplo, em termos de criação de políticas públicas) toda uma ampla gama de experiências específicas, forjadas a partir de recortes de gênero, orientação sexual, classe social, “raça”, de condições em termos de seguridade social (aposentados ou não), etc.

O cuidado em não resumir a padrões abstratos, ideais, homogêneos ou “ocidentecêntricos” categorias como “velhice”, “adolescência”, “juventude” é também algo que Pierre Bourdieu (2003) frisa ao afirmar que não é possível tratar “dos jovens”, “dos adolescentes” ou dos “velhos” como se fossem unidades sociais, grupos constituídos dotados de interesses e práticas comuns. Frisando a questão da juventude, mais produtivo seria, segundo o autor, analisar as “diferenças” que recortam tais categorias, atentando para as condições diferenciais de vida, classe social, mercado de trabalho, orçamento do tempo, etc.

Minha intenção aqui, dessa forma, é, seguindo as questões apresentadas anteriormente, desenvolver um olhar para a heterogeneidade das experiências contemporâneas vinculadas a algumas dessas categorias a partir de um olhar para as *práticas sociais*, as *formas e modelos de experiência* específicos que possam vir a surgir em campo a partir das categorias: “adolescência” e “velhice” / “envelhecimento”, a partir de *loci* específicos (e que talvez possam se expandir no decorrer do campo) dois contextos sociais da cena GLS paulistana<sup>7</sup>: a) a região da Vieira de Carvalho próxima à Praça da República (que embora com um público variado, tem uma presença

---

7 Utilizarei a expressão cena GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) para me referir aos contextos espaciais em sentido mais geral, tanto bares e boates quanto espaços públicos pesquisados, pois tende a ser a mais utilizada em termos êmicos para se referir a tais contextos. Porém sem, de forma alguma, presumir um senso de unidade e homogeneidade frente aos distintos públicos, sociabilidades e possibilidades de atuações em cada contexto social que poderia ser abarcado pela expressão.



marcante de homens com mais de 50 anos); e b) determinados espaços das ruas Frei Caneca e Augusta (também na zona central da cidade, porém em uma área intermediária entre o centro velho depreciado e as regiões valorizadas da Avenida Paulista e dos Jardins) onde se pode encontrar um número bastante expressivo de adolescentes e jovens.

A seguir apresentarei alguns debates que recortam parte das pesquisas realizadas nos últimos anos e que envolvem olhares das ciências sociais e humanas para adolescência/juventude e envelhecimento/velhice imbricadas com práticas e afetos homoeróticos. Apresentarei rapidamente também um levantamento provisório de pesquisas recentes com as quais pretendo dialogar com maior profundidade no decorrer da investigação. E por fim, exporei condensadamente as questões e objetivos gerais que permeiam e motivam meu projeto de pesquisa.

### *Adolescência, Juventude, Envelhecimento, Gerações e Homossexualidade Masculina*

Julio Assis Simões (2004) apresenta uma revisão profunda dos debates relativos à “Homossexualidade Masculina e o Curso da Vida” apresentando interessantes sugestões e questionamentos. Propõe, por exemplo, enfocando a questão da velhice e envelhecimento homossexual, uma atenção especial para a tensão entre dois principais tipos de representações recorrentes na análise social: 1) aquela que se direciona para o estigma (frisando experiências de envelhecimento marcado por solidão, melancolia, abandono, decrepitude, rejeição, desvalorização no mercado erótico, etc.); 2) a que atenta para as novas competências e capacidades adquiridas com o passar dos anos, ou seja, para experiências positivadas de envelhecimento, o que chamo de processos criativos de “feitura” do envelhecimento. Segundo o autor, essa tensão seria também um reflexo da já citada “polêmica central dos estudos gerontológicos” (Simões, 2004: 442)<sup>8</sup>.

Através da apresentação de um “movimento contemporâneo” que procura “mudar as concepções do envelhecimento como processo melancólico decadente para uma visão” menos pessimista, Simões (2004: 420) procura assim estar atento analiticamente a uma positividade que pode estar presente na experiência do envelhecimento homossexual contemporâneo. Aciona-se, dessa forma, uma alternativa “melhorista” em relação à concepção negativa e melancólica. A seguir, o autor apresenta a categoria “coroa”, um termo auto-imputado que circula por alguns espaços do “circuito gay” paulistano e que caracterizaria um personagem sem idade definida, porém

---

<sup>8</sup> Creio ser interessante analisar as semelhanças entre essa polêmica que atravessa os estudos gerontológicos com outro grande debate, este nas ciências sociais, que partiria da tentativa de conciliação analítica entre *estrutura* e *ação*, aquilo a que os indivíduos são submetidos através dos constrangimentos sociais (como poderíamos ver as representações sociais que enquadrariam subjetividades em determinadas asserções geracionais), e as soluções e alternativas encontradas pelos sujeitos através da ação para driblar, alterar e por vezes subverter a ordem social a qual são submetidos.



portando alguns sinais socialmente atribuídos ao envelhecimento, como cabelos grisalhos, rugas, cintura mais grossa, movimentos mais lentos. O “coroa típico”, então: “parece ser o homem maduro de modos viris, que tem saúde, disposição física, apresentação pessoal e dinheiro suficiente para frequentar alguns espaços do chamado ‘circuito gay’, encontrar amigos, beber, se divertir, e também tentar a sorte no mercado da paquera” (Simões, 2004: 420). Afirma, por fim, que as pesquisas que se detêm nessas temáticas precisam levar em conta: “numa frase, os arranjos, combinações, variações e passagens possíveis entre a ‘tia velha’ deprimida e solitária e o ‘coroa’ bem-disposto e bem acompanhado” (Simões, 2004: 421).

Em minha etnografia anterior (Henning, 2008) pude encontrar algumas categorias semelhantes ou que se aproximavam das apresentadas por Simões. Circulavam pelos bares e boates da cena GLS de Florianópolis, SC, noções que se vinculavam a distintas marcas de idade, como “tia” ou “tia velha” (categorias negativadas), em contraposição à de “tiozão” (que se aproxima dos significados da categoria positivada “coroa”).

Em termos gerais, as representações principalmente dos frequentadores mais jovens dos espaços por mim pesquisados<sup>9</sup> sobre as “tias” denotam um olhar bastante negativo sobre parte dos homens gays mais velhos<sup>10</sup>. Algo interessante a observar, em uma reanálise de meus dados anteriores, é que a “tia” parece ser uma categoria que sente diretamente às consequências da “reprivatização” do envelhecimento, elas são constantemente acusadas individualmente pelos mais jovens por estarem assim, envelhecidas, deserrotizadas, desvalorizadas localmente. Certa vez, ao perguntar a um estudante de 18 anos que aqui chamo de Alexandre e que foi um de meus interlocutores mais próximos se ele já *ficara* com algum homem mais velho, ele me respondeu: “Por que é que eu ficaria com uma criatura dessas? *Se não se cuidou quando era novo e ficou esse ‘bagaço’ aí, eu é que não tenho culpa!* Não sou a madre Tereza [de Calcutá] pra ficar fazendo caridade! Ah, não sou não”. Creio que sua fala pode ser vista como um bom exemplo da reprivatização do envelhecimento e do cuidado de si também no contexto pesquisado.

Entretanto, não apenas por visões negativas os homens gays mais velhos estariam marcados. A categoria “tiozão” incluiria homens mais velhos de 45, 50 ou mais de 60 anos e que se mantêm com atributos sociais valorizados localmente, seja através de uma corporalidade desejável (magros

<sup>9</sup> No total foram quatro bares e boates e três espaços públicos com frequênciação e sociabilidades homoeróticas no centro da cidade de Florianópolis, SC.

<sup>10</sup> Segundo essas visões eles (as “tias”) seriam infelizes, solitários, decadentes, frustrados, desleixados, fora de forma, indesejáveis, inconvenientes, geralmente marcados por uma baixa potencialidade de consumo, desagradáveis, sendo que a própria presença deles nesses espaços de sociabilidade seria um sinal de falta de percepção “do seu lugar” na ordem social da cena GLS, lugar esse que estaria mais ligado a ambientes privados, como se o lugar desses gays mais velhos fosse dentro de casa e não convivendo com jovens em bares e boates.



ou musculosos, com pele e cabelos cuidados), por estarem bem conectados às referências de moda atual, manterem um estilo de vida “moderno” (ou sendo considerados elegantes, charmosos, etc.), e creio que principalmente aqueles melhor localizados em relação à ideia contemporânea de “juventude como estilo de vida” conforme frisado por Debert (1999). Tais homens, então, tenderiam a permanecer como alvos de atenção e desejo, mantendo-se valorizados no mercado erótico local<sup>11</sup>.

Entretanto, creio que é importante e necessário não nos atermos apenas aos traços da “gerontofobia” que tendem a se expressar em determinados cenários homoeróticos nacionais e transnacionais. Um enfoque que aborde propriamente as relações geracionais mais do que apenas “a velhice”, ou “a juventude homossexual” (como se fosse possível considerá-las fora de um âmbito propriamente relacional), pode auxiliar a perceber outros mecanismos, também complexos, que jogam com a qualificação ou desqualificação social baseada em distintos marcadores de idade ou geracionais (não apenas vinculados ao envelhecimento homossexual).

Posso trazer, para ilustrar a questão, outro exemplo de minha etnografia anterior, quando uma espécie de contrapartida à discriminação geracional aos mais velhos, se estabelecia em relação aos adolescentes e jovens (rapazes ou garotas entre os 15 e 22 anos em média) que pesquisava em três espaços públicos de grande visibilidade do centro de Florianópolis. Em relação a eles todo um conjunto de pesadas caracterizações morais negativas provindas de gays e lésbicas de gerações mais velhas (às vezes imediatamente mais velhas, com pouca diferença propriamente de idade) era imputada de maneira a associar-lhes adjetivos como: escandalosos, polemistas, “bagaceiros”<sup>12</sup>, vulgares, desavergonhados, promíscuos, etc. como se estas fossem características próprias e distintivas da nova geração de gays e lésbicas.

Algo que rondava tais caracterizações era a noção de “discrição” e o desrespeito às normas históricas de viver “vidas vivíveis” desenvolvidas por boa parte dos gays e lésbicas de gerações mais velhas. De certa forma, essas gerações mais jovens estariam vivenciando no contemporâneo um campo de possibilidades mais amplo na vivência de afetos e sexualidades homoeróticos<sup>13</sup> e aproveitando esse maior (embora muitas vezes bastante frágil) espaço de tolerância a expressividades de afetos discordantes de referenciais heteronormativos. Ou seja, nesses espaços

---

<sup>11</sup> É importante pontuar que, diferentemente do “coroa” apresentado por Simões, “tiozão” não é uma categoria auto-imputada, geralmente são os mais jovens que denominam esses homens mais velhos de tal forma.

<sup>12</sup> Esta é uma categoria polissêmica, entretanto, no contexto apresentado na frase significa mau gosto, promiscuidade, falta de decoro social, etc.

<sup>13</sup> O que, é claro, não significa em absoluto que os constrangimentos e o controle social tenham cessado, tais “liberdades” são meticulosamente reguladas e consentidas quando respeitadas as prescrições de contextos espaciais e horários específicos, com margem de negociação e táticas de subversão.



públicos de grande visibilidade no centro de Florianópolis, casais de garotos e casais de garotas se beijavam, se acarinhavam de maneira, para eles, bastante trivial<sup>14</sup>. Interessante era analisar o olhar de parte dos gays e lésbicas mais velhos àqueles adolescentes, um olhar que marcava uma depreciação acentuada daquelas subjetividades pela falta de respeito à noção de “discrição” aprendida pelos mais velhos em tradições com mais força em um passado distinto, embora recente<sup>15</sup>. Enfim, o que creio ser importante considerar é que talvez seja mais produtivo lançar um olhar analítico para além de possíveis práticas sociais geracionalmente desqualificadoras direcionadas apenas aos mais velhos, o que, obviamente, não significa que não seja importante aprofundar as análises sobre essas desqualificações específicas.

Relacionados a essas e outras discussões, é possível citar vários pesquisadores que desenvolveram ou estão desenvolvendo importantes trabalhos, cada qual com enfoques distintos relativos tanto ao tema: 1) envelhecimento e homossexualidade<sup>16</sup> (como, por exemplo: Paiva, 2009; Mota, 2009; Pocahy, 2009, Córdova, 2006); quanto ao tema 2) juventude e homossexualidade (Leite, 2009; Bispo, 2009; Vega, 2009; Facchini, 2008; França, 2006; Moutinho, 2006) e em alguns casos abordando de várias formas a ambos os temas. Aqui, obviamente estão listados apenas alguns trabalhos e com o avançar da pesquisa de campo e bibliográfica espero ampliar consideravelmente tais referências e aumentar o diálogo entre as pesquisas, uma vez que o quadro contemporâneo de pesquisas acadêmicas me parece já não figurar exatamente um contexto de escassez de pesquisas que envolvam tais temáticas. Talvez o que seja premente nesse momento, além de, é claro, auxiliar a estimular novas investigações, seja ampliar e aprofundar o diálogo entre pesquisas e pesquisadores.

Por fim, procuro apresentar de forma condensada algumas de minhas indagações e objetivos mais específicos neste momento em que reformulo meu projeto de pesquisa. Acompanhando a preocupação de autores como Debert (1999) e Cohen (1998), minha intenção quanto à análise, por um lado, da velhice e do envelhecimento, e por outro da adolescência/juventude recortadas por

---

<sup>14</sup> O que provocava muitas vezes olhares escandalizados de algumas pessoas que passavam por tais espaços públicos. No entanto, como se tratam de práticas mais “livres” que vêm acontecendo em tais espaços de uma forma crescente desde fins da década de 1990, a maior parte dos transeuntes que por lá passavam já possuíam uma percepção banalizada daquelas expressividades.

<sup>15</sup> É importante pontuar que tal “discrição” está bastante próxima à idéia de “saída do armário” / “coming out” e embora talvez sua imposição constante tenha estado marcada com maior expressividade em um passado recente, obviamente que ela se manifestava como necessidade contextual mesmo para esses adolescentes “destemidos” do centro da cidade. Eles sabiam muito bem que tais práticas e afetos eram autorizados e seguros em apenas alguns espaços específicos. Em muitos contextos, quando os acompanhava em caminhadas pela cidade, podia perceber silêncios e “táticas de discrição” ao passar por determinados espaços vistos como intolerantes ou inseguros.

<sup>16</sup> Há que se citar também alguns estudos que enfocam travestilidades e envelhecimento, como a tese de Siqueira (2009), e travestilidades e adolescência, como o de Duque (2009).





práticas e afetos homoeróticos é atentar para as heterogeneidades, as múltiplas experiências sociais que se materializariam em distintos modelos (positivados ou não) de “velhice” (e - por que não? - de “adolescência”) que possam surgir no decorrer da pesquisa de campo. E para tanto, procuro evitar conceitos e noções amplos demais que possam empobrecer a complexidade da experiência como é vivida/percebida pelos atores analisados.

Considerando tais fatores, em relação à adolescência/juventude, me interesso em pôr em questão as visões abstratas vigentes no contemporâneo de que haveria uma maior liberdade de expressividade de afetos e sexualidade homoerótica por gerações contemporâneas de adolescentes e jovens o que resultaria na inexistência de constrangimentos sociais acerca do *coming-out* para tais gerações<sup>17</sup>. Tal tendência, me parece, precisa ser relativizada. Minha atual pesquisa etnográfica, considerando que a entrada em pré-campo ocorreu no início de março de 2010, objetiva atentar para uma pluralidade de experiências marcadas por recortes que complexificam esse olhar a partir de vivências geracionais atravessadas por marcadores de diferença como “raça”/cor da pele, gênero (aí inclusos, obviamente, performances de masculinidade/feminilidade), classe social, estilos de vida, local de moradia (centro/periferia...), corporalidades, entre outros.

Interessa-me também analisar de quais formas, no cenário analisado, ocorrem cruzamentos de marcadores distintivos de geração, com os de gênero e sexualidade, de forma a, por exemplo, se “sexualizar a geração”, a partir de asserções que reafirmam a desgenitalização na velhice e o ápice da atividade sexual na adolescência e juventude. Apresento a seguir outras questões iniciais e resumidas que permeiam meu projeto e relativas ao contexto estudado: a) de que maneiras tanto adolescentes quanto homens mais velhos lidam com a vivência da sexualidade (supostamente) mais aberta e tolerante no contemporâneo? b) como adolescentes e jovens lidam com o que o interacionismo simbólico cunhou por “estigma”? (Goffman, 1982). Qual é o caráter e a relevância atuais de tal conceito na análise da “juventude” ou “velhice homossexual”? O estigma ainda tem um papel central nas vidas de pessoas das novas gerações como parece ter possuído nas mais velhas? c) O processo de ampliação do campo de possibilidades contemporâneo para a vivência da sexualidade altera/influi de quais formas na vida de gays mais velhos? Teriam influência, por exemplo, em *coming-outs* “tardios”? d) Seria possível encontrar modelos próximos aos da “Terceira Idade” na cena GLS paulistana? E quais seriam os principais modelos de velhice e envelhecimento

---

<sup>17</sup> Consultar as questionáveis e generalizantes representações positivantes da relação homossexualidade e adolescência/juventude presentes na matéria “A Geração Tolerância: os adolescentes e jovens brasileiros começam a vencer o arraigado preconceito contra os homossexuais, e nunca foi tão natural ser diferente quanto agora” publicada na *Revista Veja* Edição 2164, 12/05/2010, e escrita por Silvia Rogar e Marcelo Bortoloti. Retirada do site em 20/05/2010, por volta de 20h30. Fonte: <http://veja.abril.com.br/120510/geracao-tolerancia-p-106.shtml>



em operação? e) através de quais representações as pessoas mais velhas com práticas e afetos homoeróticos se veem e são vistas considerando o contexto de reformulação e recriação de modelos (positivados ou negativados) de envelhecimento citados por Simões (2004)? E por último, f) considerando a assunção na atualidade da reprivatização da velhice e do cuidado de si, como tal noção tende a afetar tanto aos gays adolescentes e jovens quanto aos mais velhos?

Dessa forma, neste trabalho, procurei apresentar questionamentos sucintamente (devido, entre outros fatores, ao espaço reduzido próprio de um *paper*), diálogos e reflexões iniciais, e muito provavelmente provisórios, que envolvem o embasamento teórico de meu projeto de pesquisa para o doutorado.

### *Referências Bibliográficas*

- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1978.
- BISPO, Raphael. *Jovens Werthers: Antropologia dos Amores e Sensibilidades no mundo Emo*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, Museu Nacional, PPGAS. 2009.
- BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é só uma palavra. In: BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Lisboa: Edições Fim de Século. 2003.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- CASTRO, Talita. *Auto-Ajuda e a Reificação da Crise da Meia-Idade*. 2009. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. IFCH/UNICAMP.
- COHEN, Lawrence. Não há velhice na Índia. DEBERT, G.G. *Antropologia e Velhice*. Textos Didáticos, n.13. Campinas: IFCH/Unicamp. 1998.
- CÓRDOVA, Luiz F. N. *Trajetórias de Homossexuais na Ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços*. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Florianópolis: PPGICH/CFH/UFSC.
- DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Edusp. 1999.
- DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens: vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência*. 2009. Dissertação (Mestrado) São Carlos: UFSCar.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador. Vol.1: uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 1994.
- FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras, diferenças e (homos)sexualidades na cidade de São Paulo*. 2008. Tese (Doutorado) Programa de Doutorado em Ciências Sociais. Campinas: IFCH, Unicamp.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FRANÇA, Isadora L. *Cercas e Pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. 2006. Dissertação (Mestrado). São Paulo: FFLCH, PPGAS, USP.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.. 1982.



HENNING, C.E. *As Diferenças na Diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC*. 2008. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC.

KAUFMAN, S. R.; MORGAN, L. M. The Anthropology of the beginnings and ends of life. In: *Annual Review of Anthropology*, vol. 34. 2005.

COSTA, Jurandir Freire. *A Inocência e o Vício – estudos sobre o Homoerotismo*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1992.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEACH, E. R. Dois ensaios sobre a respeito da representação simbólica do tempo. In: LEACH, E. R. *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, pp.: 191-210. 2001.

LEITE, Vanessa J. *Sexualidade adolescente como direito? A visão de formuladores de políticas públicas*. 2009. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UERJ - Instituto de Medicina Social.

MOTA, Murilo P. Homossexualidade e envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência. In: *SINAIS – Revista Eletrônica – Ciências Sociais*. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.06, v.1. Dez. 2009.

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre ‘raça’, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro, In: *Revista Estudos Feministas*. Vol.14 n.1. p.103-116. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC. 2006.

PAIVA, Cristian. Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. *Revista Bagoas* n.04. pp.191-208. 2009.

POCAHY, Fernando A. Entre vapores, pistas e pornô-tapes: (des)montando a ‘bicha velha’. In: *Anais da VII RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul*, Buenos Aires. 2009.

SIMÕES, Julio Assis. Homossexualidade Masculina e Curso da Vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M.F.; CARRARA, S. *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária. 2004.

SIQUEIRA, Monica S. *Arrasando Horrores! Uma etnografia das memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis das antigas*. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Florianópolis: PPGAS Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

VEGA, Alexandre P. *Estilo e Marcadores Sociais da Diferença em Contexto Urbano: uma análise da desconstrução de diferenças em contexto urbano*. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: FFLCH, PPGAS, USP.